



Marcelo de Paula

# φιλία

*Amizade em  
Aristóteles*

Φ editora fi

No presente estudo, busca-se compreender e caracterizar a amizade (φιλία) em Aristóteles, tendo em vista a classificação aristotélica da amizade em três espécies: amizade baseada na utilidade, amizade baseada no prazer e amizade baseada na virtude ou entre os homens bons. Compreende-se e caracteriza-se também o conceito aristotélico de homem bom e suas relações com a virtude (ἀρετή), o ideal de amizade verdadeira e a felicidade (εὐδαιμονία). Tem-se por base os livros VIII e IX da obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Por fim, busca-se o estabelecimento de uma correspondência entre os paradigmas aristotélicos da amizade e os nossos paradigmas de amizade do século XXI.

Imagem de capa: "Aristotle" by Francesco Hayez (1791–1882)

φιλια

---

Amizade em  
**Aristóteles**



Marcelo de Paula

# φιλια

---

Amizade em  
**Aristóteles**

Porto Alegre | 2015 | **Φ** editora fi

**Direção editorial, diagramação e capa:** Lucas Fontella Margoni

**Revisão do autor**

**Copyright © Autor**

**Imagem de capa:** "Aristotle" by Francesco Hayez (1791–1882)



Todos os livros publicados pela  
Editora Fi estão sob os direitos da

Creative Commons 4.0

[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

PAULA, Marcelo de.

Amizade em Aristóteles. [recurso eletrônico] / Marcelo de Paula --  
Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

54 p.

ISBN - 978-85-66923-91-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Amizade – Aristóteles. 2. Ética – Aristóteles. 3. Moral –  
Aristóteles. 4. Virtude – Aristóteles. I. Título.

---

CDD-110

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia antiga 180

Dedico este trabalho intelectual  
às minhas duas crianças:  
Alan Silva de Paula (8 anos) e  
Jean Silva de Paula (2 anos).



Ninguém pode construir em teu lugar  
As pontes que precisarás passar  
Para atravessar o rio da vida  
Ninguém, exceto tu, só tu.  
Existem por certo atalhos sem números  
E pontes e semideuses que se oferecerão  
Para levar-te além do rio;  
Mas isso te custaria a tua própria pessoa:  
Tu te hipotecarias e te perderias.  
Existe no mundo um único caminho  
Por onde só tu podes passar.  
Onde leva? Não perguntes, segue-o.

**NIETZSCHE**

A natureza parece acima de tudo  
evitar o doloroso e buscar o agradável.

**ARISTÓTELES**

Como o velho burro mourejando à nora  
A mente humana sempre as mesmas voltas dá;  
Tolice alguma nos ocorrerá  
Que não tenha dito um sábio grego outrora.

**MÁRIO QUINTANA**



# Sumário

1

*Introdução* | 13

2

*Aristóteles* | 16

3

*Amizade em Aristóteles* | 25

4

*Amizade baseada na utilidade* | 31

5

*Amizade baseada no prazer* | 35

6

*Amizade baseada na virtude ou entre os homens bons* | 37

7

*Amizade e felicidade* | 43

8

*Número de amigos* | 45

9

*Conclusões* | 48

*Referências* | 53



# 1

## Introdução

O motivo substancial que me conduziu até este tema monográfico (φιλια – Amizade em Aristóteles) foi o meu descontentamento com os paradigmas da amizade hoje vigentes, porque busco autenticidade e parceria legítima em minhas associações políticas. Para tanto, penso ser mister comunicar ao leitor a possibilidade do vir a ser da verdadeira amizade (como assim a entendo) a partir da leitura e reflexão dos sábios ensinamentos do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.).

Quando iniciei meus estudos da amizade em Aristóteles (Ética a Nicômaco, capítulos VIII e IX), sem dúvida, fiquei surpreso com tanta erudição e sabedoria filosófica ao alcance de todos nós. Assim, senti-me entusiasmado em prosseguir. E um entusiasmo que não foi em vão: aprendi muito, e me senti muito gratificado pela realização de uma tarefa assim tão laboriosa.

A amizade é um tema interessante e gratificante de ser estudado. E também complexo: porque envolve o nosso deparar-se com os fenômenos de subjetividade e de intersubjetividade humanos, o que nem sempre é tarefa fácil e muito menos simples de receber um tratamento exato, sobretudo n'algumas pouquíssimas seções de um trabalho monográfico. No entanto, servindo-me de Aristóteles, acredito ter levantado enunciados relevantes, substanciais e concisos acerca do assunto.

Para começar meus estudos da amizade em Aristóteles, primeiramente considerarei alguns aspectos importantes da obra aristotélica no conjunto do presente estudo. Portanto, nas duas primeiras seções deste texto (seção 1 e 2), após esta introdução (seção 1), descrevo a biografia (2.1), as obras não comentadas (2.2) e o pensamento moral de Aristóteles (2.3).

Na terceira seção, entro propriamente no tema da amizade. E vi por bem, inclusive, descrever a amizade e os seus correlatos como o amor (3.1) e a benevolência (3.2), continuando posteriormente com estudo das espécies de amizade (3.3).

Na quarta seção, busco dar continuidade ao estudo das espécies de amizade e concentrar-me no aprofundamento da amizade baseada na utilidade.

Na quinta seção, concentro-me no aprofundamento da amizade baseada no prazer. Na sexta seção, no aprofundamento da amizade baseada na virtude ou entre os homens bons. Nesta seção, inclusive, faz-se relevante observar a pertinência do estudo do homem bom (6.1).

Na sétima seção, retorno às relações entre amizade e felicidade, e também acerca do número de amigos, análises que conduzem ao fechamento do tema que ocorre de fato durante as conclusões (seção 8), sendo que, nesta seção, faço uma análise de significativa parte do que fora exposto durante quase todo o texto, procurando estabelecer, assim, um possível elo de diálogo entre os ensinamentos filosóficos de Aristóteles e a nossa concepção de amizade no contexto atual deste século XXI.

Desenvolvo, pois, neste trabalho monográfico que agora lhes é apresentado em livro, o tema da amizade em Aristóteles à luz das reflexões constantes nos livros VIII e IX da obra *Ética a Nicômaco*. Tais reflexões – saliente-se – permanecem sendo, ao longo de vinte e cinco séculos de filosofia ocidental, preciosas fontes para que possamos

pensar as amizades, porquanto assaz filosóficas no seu conteúdo intelectual e, além disso, porquanto esteticamente belas.

Este trabalho monográfico de conclusão de Curso que, reitero, agora lhes chega em livro, originalmente visou à obtenção do meu título de Licenciatura Plena em Filosofia, no ano de 2003, junto à Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, como também às habilitações em Docência em Psicologia (Psicologia não Clínica) e História Geral e do Brasil.

Começemos, pois, o nosso estudo. E que possamos viver e transmitir a arte de pensar a amizade dentro dos nossos diferentes contextos pessoais. De modo que já diziam os epicuristas:

A amizade nasce do útil, mas ela é um bem de per si. Amigo não é quem procura sempre o útil nem quem não o liga jamais com a amizade: pois o primeiro considera a amizade como um tráfico de vantagens, enquanto o segundo destrói a confiante esperança de ajuda que constitui grande parte da amizade (ABBAGNANO, 1964, Pág. 36).

Desejo-lhe uma boa leitura!

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil,  
novembro de 2014.  
Marcelo de Paula

# 2

## Aristóteles

Nesta seção, apresentamos a biografia, o legado intelectual e o pensamento moral de Aristóteles.

Este monumental filósofo grego da Antiguidade absorveu os conhecimentos de filósofos gregos precedentes como Heráclito, Parmênides, Sócrates e Platão, acrescentando-lhes um trabalho próprio, original, por meio de uma vasta pesquisa intelectual e de profunda reflexão. Ele escreveu sobre todas as ciências da sua época e, além disso, é o fundador da Lógica como método para filosofar e para ser utilizado na constituição das ciências.

Dentro dos nossos critérios de filósofo, consideramo-lo um dos mais originais filósofos ocidentais, ao lado de Sócrates, Platão, Kant e Nietzsche: pela sua profundidade incomum de ser, que é facilmente percebível pelo seu intelecto e pela sua sensibilidade aguçados. Exerceu também grande influência sobre renomados filósofos árabes, na era medieva e sobre o renomado filósofo cristão Tomás de Aquino. Aristóteles explorou o mundo das coisas e dos homens em todas as direções possíveis, e até hoje tem sido um referencial obrigatório, para aqueles que se dedicam ao inebriante universo da filosofia.

### 2.1 Vida

Segundo Marcondes (2001, p.69), Aristóteles nasceu no ano 384 a.C. em Estagira, hoje Stravó, uma pequena

cidade sob dependência da Macedônia. Sua família estava tradicionalmente ligada à medicina e à corte da Macedônia, sendo que seu pai, Nicômaco, era médico e amigo do rei Amintas II, pai de Felipe e avô de Alexandre. Ainda menino, quando da morte dos seus pais, Aristóteles ficou sob a tutela de Proxenos, que em 367 a.C. enviou-o até Atenas para completar os seus estudos.

Em Atenas, Aristóteles se deparou com a efervescência intelectual e cultural de um grande centro, dando continuidade aos seus estudos na Academia de Platão, onde permaneceu durante vinte anos. Aos poucos, tornou-se o discípulo mais atento do mestre, auxiliando-o em suas revisões e investigações, chegando até num determinado momento a suscitar críticas à teoria platônica das idéias.

Grande parte dos seus escritos foi concebida em Atenas. Sua atividade política<sup>1</sup>, identificada com sua vida pessoal, foi puramente intelectual, dedicando-se unicamente à pesquisa erudita. Com a morte de Platão, em 347 a.C., Aristóteles partiu para Assos, no litoral da Mísia, onde permaneceu durante três anos. Em Assos, contraiu seu primeiro matrimônio com Pítias, sobrinha e filha adotiva do rei Hérmiias e dedicou-se aos estudos filosóficos sob a proteção do rei. Com a morte de Hérmiias, contudo, partiu para Mitilene, na Ilha de Lesbos, lá permanecendo em companhia de seu amigo Teofrasto.

Em 342 a.C., devido ao seu prestígio junto à corte da Macedônia, o rei Felipe convidou-o para ser o mestre de seu filho Alexandre, que então contava quatorze anos de idade. Aristóteles atendeu ao pedido do rei e desenvolveu um núcleo de estudos para Alexandre e outros jovens. Mas logo, em 340 a.C., o jovem Alexandre abandonou os estudos para substituir Felipe, que partia numa expedição militar. Com a

---

<sup>1</sup> Considera-se que Aristóteles não pôde exercer função política pública em Atenas devido a sua condição de meteco (estrangeiro). O que, de certa maneira, justifica a sua atividade puramente contemplativa.

morte de Felipe, em 336 a.C., Alexandre assumiu definitivamente o poder real e preparou uma expedição até o Oriente, para construir o seu grande império macedônio. Aristóteles, todavia, não concordava com os ideais imperialistas<sup>2</sup> de Alexandre e então retornou a Atenas.

De volta a Atenas, fundou um centro de estudos denominado Liceu, cujos cursos, voltados às ciências naturais, rivalizavam com os cursos de matemática e geometria da Academia. Os cursos dirigidos e ministrados por Aristóteles no Liceu eram repletos de labor filosófico e científico, enriquecidos ainda pela grande quantidade de exemplares da fauna e da flora enviados por Alexandre<sup>3</sup>, durante suas expedições militares. Porém, com a morte precoce de Alexandre, em 323 a.C., Aristóteles passou a ser hostilizado pela facção antimacedônica ateniense, que sempre viu nele uma ameaça para Atenas, devido a sua ligação com a corte da Macedônia. Receoso de que tivesse o mesmo fim de Sócrates (470-399 a.C.), ou seja, a condenação à morte, negociou o Liceu e retirou-se de Atenas lamentando a incompreensão dos atenienses.

Aristóteles morreu aos 62 anos de idade, em 322 a.C., numa propriedade herdada de sua falecida mãe em Cálcis, na Eubéia. Morreu na companhia de sua segunda esposa, dos filhos do primeiro e do segundo matrimônio, dos amigos, e dos discípulos e demais parentes.

## 2.2 Obras

O trabalho intelectual empreendido por Aristóteles nos remete às proximidades do pensamento e da cultura dos

---

<sup>2</sup> Segundo Aristóteles, gregos e orientais eram de naturezas temperamentais distintas. Portanto, não deveriam coexistir sob o mesmo regime político.

<sup>3</sup> Mesmo com o rompimento da amizade em 335 a.C., Alexandre sempre manteve estima e respeito pelo antigo mestre.

gregos antigos. A filosofia era considerada por ele como a totalidade dos conhecimentos e das práticas humanas dos gregos. Nas palavras de Gomperz (1910, p. 30):

Aristóteles não é só um douto. É também um observador de primeira ordem, igualmente excelente pela variada cultura histórica, com especialidade rica em relação aos filósofos precedentes, pelo amplíssimo conhecimento da natureza, e pela agudíssima pesquisa naturalística.

No conjunto das obras de Aristóteles, todos os escritos que nos foram legados em maior quantidade são chamados de *escritos esotéricos*, isto é, as lições ministradas por ele aos seus alunos e discípulos no Liceu. Já os escritos que nos foram legados de modo muito fragmentado, são chamados de *escritos exotéricos*, isto é, as lições ministradas para o grande público ouvinte.

As obras aristotélicas que apresentamos nesta seção seguem a tradicional classificação dos escritos do *Corpus Aristotelicum*, publicado primeiramente por Andronico de Rodes entre os anos 60 e 50 a.C., e que até hoje é reconhecido por grande parte dos especialistas. Para tanto, optamos por dar preferência à relação de obras aristotélicas (não comentadas) apresentadas por Giordani (1984, p.378), que segue naturalmente o *Corpus*: **a) Escritos lógicos (Órganon)**: Categorias ou Predicamentos; Sobre interpretação ou sobre os juízos; Primeiros analíticos ou sobre o silogismo; Analíticos posteriores ou sobre a demonstração silogística, enquanto conduz à ciência; Tópicos ou sobre a demonstração silogística, enquanto conduz a uma conclusão provável; Refutações sofísticas ou sobre os silogismos que conduzem ao Erro; **b) Filosofia natural**: Físicos; Sobre o céu ou sobre astronomia; Sobre a geração e a corrupção; Meteorológicos; **c) Psicologia**: Sobre a alma ou sobre o ser vivo em geral; Tratados menores ou sobre a sensação, a sensibilidade, o sono, o sonho, a insônia,

a memória, a reminiscência, a longitude e a brevidade da vida, a vida, a morte, a respiração, dentre outros; **d) Biologia:** História dos animais; Sobre as partes dos animais; Sobre o movimento dos animais; Sobre o andar dos animais; Sobre a geração dos animais; **e) Metafísica:** Filosofia Primeira; **f) Ética:** Ética a Nicômaco; Moral Maior; Ética a Eudemo; **g) Política e Economia:** Política; Econômica; Constituição de Atenas; **h) Retórica e Poesia:** Retórica; Poética.

Observamos que não há uma tradução completa destas obras para a língua portuguesa. Uma tradução completa e mais próxima do nosso vernáculo é em língua espanhola. Entretanto, para um lídimo contato nosso com o pensamento de Aristóteles, julgamos que uma leitura de suas obras possa desfrutar de uma maior e melhor fidelidade em língua grega. Nossa intenção, contudo, nesta seção, foi fornecer ao leitor uma amostra do gênio criador de Aristóteles que, mesmo traduzido, quer revelar-se sapiencialmente para nós em suas obras. Eis, pois, um grande gênio criador que há mais de dois mil e quinhentos anos foi o criador da lógica, e que até hoje está presente em nossas ciências com a sua linguagem científica, e, também, está presente no nosso pensamento com o seu riquíssimo e instigante sistema filosófico.

### 2.3 Moral

O pensamento moral de Aristóteles está consignado nos seus três tratados de ética, a saber: Ética a Eudemo, Ética a Nicômaco e Ética Geral. Sendo que esta última é uma compilação daquelas outras duas. Nosso estudo, porém, está centrado na Ética a Nicômaco, uma vez que se trata de uma obra mais completa, mais aprofundada, e que traduz mais especificamente o tema deste trabalho nos livros VIII e IX. Na Ética a Nicômaco temos uma teorização a respeito do

ethos<sup>4</sup> grego do século IV a.C., uma máxima metodológica de Aristóteles em que são apresentados e discutidos conceitos como prazer, intelecto, justiça, amor, benevolência, virtude, amizade, felicidade, dentre outros.

Em geral, a ética de Aristóteles evidencia o seu pensamento moral e está em consonância com a sua Política e com a sua doutrina metafísica finalística, porquanto o homem é um ser que tende necessariamente a um fim (τελος). Este fim do homem é o seu bem (αγαθον) supremo, que é a felicidade (ευδαιμονια). A felicidade é não um estado, mas sim uma atividade processual em que o homem vai desenvolvendo sempre de melhor maneira as suas aptidões intelectuais, morais e práticas. E, segundo Aristóteles, os meios utilizados para se atingir tal fim são as virtudes. Mas, o que é a virtude (αρετε)?

Diz Aristóteles que a virtude é uma capacidade ou uma potência própria do homem, uniforme e continuativa, um hábito ou uma disposição racional constante, que torna o homem bom e lhe permite realizar o seu fim pleno que é, portanto, a felicidade.

Na Ética a Nicômaco são apresentadas duas categorias de virtudes: as virtudes dianoéticas e as virtudes éticas. As virtudes dianoéticas ou intelectuais dizem respeito ao conhecimento humano, ao saber teórico que resulta do pleno desenvolvimento do intelecto. As virtudes éticas, por sua vez, dizem respeito ao saber prático do homem, estando subordinadas às virtudes dianoéticas, porquanto o intelecto é capaz de estabelecer critérios e normas para o agir humano moralmente correto e bom. Assim:

Aristóteles distingue duas categorias fundamentais de virtudes: as éticas, que constituem propriamente o objeto da moral, e as dianoéticas, que a

---

<sup>4</sup> Lugar, modo de viver, disposição de caráter pessoal e coletivo do homem grego.

transcendem. É uma distinção e uma hierarquia, que têm uma importância essencial em relação a toda a filosofia e especialmente à moral. As virtudes intelectuais, teóricas, contemplativas, são superiores às virtudes éticas, práticas, ativas. Noutras palavras, Aristóteles sustenta o primado do conhecimento, do intelecto, da filosofia, sobre a ação, a vontade, a política (MUNDO DOS FILOSÓFOS, 2003, Aristóteles.htm)

Como podemos observar, é mister tornar ainda mais clara a distinção entre estas duas categorias de virtudes, para que tenhamos uma compreensão mais transparente do pensamento moral de Aristóteles. Ora, as virtudes éticas não são atividades intelectuais como as virtudes dianoéticas. Não são, pois, intelecto puro; contudo são aplicações do intelecto. Não são, pois, unicamente conhecimento; contudo são ações com conhecimento. As virtudes éticas de cunho moral, por natureza, implicam elementos passionais que são governados pelo intelecto, porém, não aniquilados por ele como queria o ascetismo de Platão.

O homem virtuoso de Aristóteles, portanto, configura-se a partir da virtude ética. Assim, de acordo com a supremacia do intelecto sobre o sentimento, a propriedade comum da virtude ética é sempre uma justa medida, um ponto médio entre dois extremos passionais, um justo meio, ou, mais precisamente, a moderação ou o equilíbrio de um sentimento obtido pela ação intelectual. Assim:

Uma das principais contribuições da ética aristotélica é a sua famosa tese segundo a qual a virtude está no meio (meson); p.ex., o corajoso não é aquele que nada teme, nem o que tudo teme, mas sim o que tem uma dose certa de temor que é a cautela, sem contudo perder a iniciativa, e evitando o excesso que seria a temeridade (MARCONDES, 2001, p.75).

O homem virtuoso configura-se entre dois extremos passionais, sempre de acordo com a prudência ou moderação<sup>5</sup>. E a vida do homem virtuoso, a vida boa e virtuosa, que tem no plano político (de civilidade) o seu horizonte, consiste exatamente nisso: realizar as virtudes éticas, que, por sua vez, realizam as finalidades do intelecto, porque somente ele é capaz de conhecer os fins morais e de governar os excessos e as deficiências próprios do sentimento ou da vida *passional*. Diz Aristóteles:

Não obstante convirão algumas considerações. Vale dizer, é de mister guardar-nos de excessos e sermos moderados em todas as coisas, especialmente nos prazeres. Desde que a virtude resulte de justa medida em cada ação, ela por sua vez torna fácil observar a justa medida. (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, II, 1106a 28) (...) Deste modo, exatamente, todo o sábio foge do excesso e da falta, busca o meio, e a este dá preferência: o meio digo, não é da coisa, mas com referência à nós (Idem, VI, 1105b 9).

Trata-se de um viver individual e coletivo com o máximo de responsabilidade. Sendo que não podemos deixar de observar que o homem é um animal racional, e sob esta condição é também um animal social e político. O proceder ético, o agir moralmente correto, portanto decorre desta condição essencial do homem de viver em conformidade com o intelecto.

Esta análise de Aristóteles nos remete até uma sociedade que valorizava as relações sociopolíticas entre os homens na pólis<sup>6</sup> grega, onde, unicamente uma vida virtuosa

---

<sup>5</sup> A prudência ou moderação é a virtude dianoética de maior importância para a vida moral, pois ela é uma virtude intelectual que conhece e é capaz de deliberar o que é bom ou mal, correto ou incorreto, útil ou prejudicial para o agir humano.

<sup>6</sup> Cidade-Estado.

poderia ser capaz de conduzi-los a deliberações plenas que então configurariam a felicidade individual e coletiva. Daí a sua preocupação já nos primórdios da Ética a Nicômaco:

Nosso objetivo é tornar-nos homens bons, ou alcançar o grau mais elevado do bem humano. Este bem é a felicidade; e a felicidade consiste na atividade da alma de acordo com a virtude (Ibidem, I).

É lícito afirmar que o pensamento moral de Aristóteles é um pensamento predominantemente intelectualista, pois todo o agir moral do homem se processará sempre de acordo com o intelecto. Desta forma, toda a ação humana será sempre a melhor possível e com o conhecimento intelectual das circunstâncias. Nisso consiste a sabedoria prática do homem: conhecer e praticar as suas virtualidades próprias de homem.

Enfim, à luz de nossas leituras, observamos que o pensamento moral de Aristóteles é, ainda hoje, uma preciosa fonte de sabedoria à nossa disposição.

# 3

## Amizade em Aristóteles

Nesta seção, damos início ao nosso estudo da *amizade*. E, desde já, observamos que Aristóteles confere à amizade uma importância significativa em seus estudos de ética, considerando-a uma das mais altas virtudes éticas, situando-a como um elemento indispensável à felicidade do homem. Assim:

Ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens (Ibidem, 1155a 1-5). (...) Não é ela, contudo, apenas necessária, mas também nobre, porquanto louvamos os que amam os seus amigos e considera-se uma bela coisa ter muitos deles. E pensamos, por outro lado, que as mesmas pessoas são homens bons e amigos (Ibidem, 1155a 30).

No que concerne à amizade em Aristóteles, vamos nos deparar com um pensamento em conformidade com o pensamento da Política. Durante os livros VIII e IX, portanto, Aristóteles quer salientar o caráter sociopolítico da amizade, observando que todas as formas de associação humanas são como partes da comunidade política, e que, portanto, cada espécie particular de amizade corresponde a uma espécie particular de associação em que tal amizade tem origem. Numa palavra: cada espécie de amizade

circunscreve-se numa forma de associação política, por exemplo: a amizade entre colegas de trabalho, membros da família, companheiros de viagem, dentre outros.

Já Reale (1994, p.340), no que diz respeito à situação sociopolítica da amizade aristotélica, faz uma excelente interpretação da estimativa ética nuclear de Aristóteles:

Por que, segundo Aristóteles, o homem é um ser estruturalmente político, feito para viver em sociedade com outros homens; naturalmente tem necessidade de amigos para poder gozar dos bens que possui, visto que o homem isolado absolutamente não pode gozar nenhum bem.

A efetivação da dimensão racional, política e social do homem, conforme podemos observar juntamente com Reale, é a máxima aristotélica em suas considerações morais. Sobretudo à amizade, que é uma virtude ética “estruturalmente ligada à felicidade, portanto aos problemas centrais da Ética” (REALE, 1994, p.340).

Entendida como uma virtude ética, a amizade é o justo meio entre o sentimento excessivo da condescendência e o sentimento deficiente do enfado, portando-se assim de acordo com os ditames do intelecto. E, como tal, é um elemento constituinte da vida virtuosa, da vida boa e feliz.

Mas, a partir do quê, propriamente, surge ou configura-se a amizade? Neste momento, esta interrogação nos importa deveras. Certamente, segundo Aristóteles, começamos a compreender a configuração da amizade a partir do momento em que tomamos como referenciais iniciais os sentimentos de amor e de benevolência, os quais, agora, passamos a interrelacionar.

### **3.1 Amizade e Amor**

Para Aristóteles, o amor entre os homens é desprovido de referências metafísicas e teológicas, consistindo unicamente numa modificação afetiva do próprio homem, numa emoção puramente humana, sendo compreendido na consideração de quatro elementos, a saber: o desejo sexual, o afeto entre os consangüíneos, as uniões civis solidárias ou concórdias políticas e o querer bem.

No entanto, por se tratar de uma modificação sentimental sofrida, que, portanto, supõe excesso e deficiência, o amor não se identifica com a amizade. Ora, a amizade é uma disposição de caráter racional, uma virtude ética, um hábito ou uma disposição racional constante. Além disso, o amor pode ser dirigido às coisas inanimadas, enquanto a amizade não. A amizade, enquanto disposição racional, enquanto virtude ética, dirige-se apenas às pessoas.

Todavia, para a configuração da amizade, é aceitável a existência das manifestações emocionais de amor, como o afeto consangüíneo, o querer bem e a união civil solidária ou concórdia política, elementos já mencionados e que podem ser colocados à prova pelo intelecto.

Nesta configuração, porém, não se admite o desejo sexual ou o amor sexual, porquanto tal desejo está ligado à concepção aristotélica de alma vegetativa, que por sua vez possui caráter efêmero e não se relaciona com o intelecto, e que evidentemente não será próprio de uma virtude ética. Devemos notar, contudo, a não condenação desta concepção aristotélica do amor sexual, visto que o amor sexual é a condição da alma vegetativa, que deve realizar a sua finalidade própria de prazer imediato.

Portanto, quando falamos no amor, enquanto referência inicial para a configuração da amizade, deve-se observar aqueles pontos atinentes ao amor, que envolvem sentimento, mas que podem ser colocados à prova pelo intelecto, porquanto a amizade, entendida como uma disposição racional, não deve admitir nem excessos e nem deficiências passionais.

### 3.2 Amizade e Benevolência

A benevolência é entendida por Aristóteles como um sentimento que implica solicitude e cuidado. Notamos que ela assemelha-se ao amor pela solicitude e pelo cuidado, sendo, portanto, uma modificação emocional. E que também possui características racionais como o bom senso e a disposição para a solidariedade e para a caridade.

Mas uma ação de benevolência pode ser direcionada para qualquer pessoa e permanecer oculta, o que não nos autoriza a identificá-la com a amizade. Da contribuição da benevolência para a configuração da amizade, diz Aristóteles:

A benevolência é uma espécie de relação amigável, mas não se identifica com a amizade, pois que tanto podemos senti-la para com pessoas a quem não conhecemos como sem que elas próprias o saibam, ao passo que com a amizade não sucede assim (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1166b 30-35).

A benevolência, de acordo com Aristóteles, fornece características como solicitude e cuidado para a configuração da amizade, mas não se identifica com ela, como já dissemos. Aqui, no entanto, observamos uma questão assaz pertinente suscitada por Aristóteles: “A benevolência é uma amizade inativa, se bem que passe a ser amizade verdadeira quando se prolonga e chega ao ponto da intimidade” (Idem, 1167a 10-15).

Ora, segundo o estagirita, neste sentido de prolongamento e intimidade, a benevolência passa a ser amizade. A intimidade supõe a participação solidária e mútua, o que é próprio da amizade. Portanto:

Não é possível que duas pessoas sejam amigas se antes não sentiram benevolência uma para com a outra, mas pelo simples fato de sentirem benevolência não se pode dizer que sejam amigas, porquanto apenas desejam bem ao outro, mas não cooperariam em nada com ele nem se dariam ao trabalho de ajudá-lo (Ibidem, 1167a 5-10).

Na configuração da amizade, portanto, é preciso haver benevolência. Contudo, a benevolência jamais se identificará com a amizade enquanto não for recíproca. Quando recíproca, pois, deixa de ser benevolência para configurar a amizade. Assim também podemos dizer do amor.

### 3.3 As Espécies de Amizade

Segundo Aristóteles, pelo que podemos observar até o momento, a amizade configura-se a partir de dois elementos: do amor mútuo e benevolência mútua. Seguidos pela disposição racional constante que consiste na virtude ética, evidentemente.

Mas, em geral, Aristóteles diz que toda a amizade tem por forma constitutiva o valor dado ao objeto do amor, pois o homem ama o que lhe é útil, aprazível e bom:

Talvez possamos deslindar as espécies de amizade se começarmos por tomar conhecimento do objeto do amor. Ora, nem tudo parece ser amado, mas apenas o estimável, e este é bom, agradável ou útil (Ibidem, 1155b 15-20).

Desta maneira, temos três objetos constitutivos da amizade: a utilidade, o prazer e a bondade. E, portanto, por extensão, temos três espécies de amizade constituídas respectivamente pela utilidade, pelo prazer e pela virtude ou bondade:

Há assim três espécies de amizade, iguais em número às coisas que são estimáveis; pois com respeito a cada uma delas existe um amor mútuo e conhecido, e os que se amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam (Ibidem, 1156a 5-10).

Na medida em que amante e amado buscam um no outro um determinado valor, que pode ser, portanto, a utilidade recíproca, o prazer recíproco ou a virtude recíproca, tal será a forma constitutiva da amizade e, por extensão, tal será a espécie de amizade.

Neste momento do nosso trabalho é lícito observar que o sistema filosófico e moral de Aristóteles admite uma hierarquia. No caso da amizade, não é diferente: ele inferioriza a amizade baseada na utilidade e a amizade baseada no prazer, superiorizando a amizade baseada na bondade. No entanto, ele condena as formas, mas não os conceitos. Ou seja, ele afirma a existência daquelas amizades como associações lógicas de utilidade e de prazer. O que ele vai criticar, e a isto opõe a amizade baseada na bondade como um paradigma ideal de amizade, é a degeneração daquelas espécies de amizade.

A partir de agora, nós veremos como Aristóteles elabora suas análises, o porquê dessa hierarquia e as possíveis soluções por ele apresentadas.

# 4

## Amizade baseada na utilidade

Esta espécie de amizade é entendida por Aristóteles como um modo inferior de amar. Segundo ele, que pretende ir às raízes do problema, os que se amam por causa da utilidade recíproca não se amam pelo caráter pessoal virtuoso que possuem, mas devido a algum bem útil que recebem um do outro. Tais homens, portanto, amam unicamente o que é útil para si mesmos e amam o outro apenas pela sua utilidade.

O que devemos ter em mente é que Aristóteles não condena as pessoas que compõem esta espécie de amizade, apenas atribui a elas a ausência de virtualidades inerentes à dimensão intelectual, o que é próprio de uma amizade baseada na bondade.

No tocante ao convívio destes amigos voltados unicamente à utilidade, Aristóteles nota que eles somente sentem-se bem juntos se existir a esperança de um bem útil futuro:

E tampouco tais pessoas convivem muito umas com as outras, pois às vezes nem sequer se vêem com agrado, e por isso não sentem necessidade de tal companhia, a menos que sejam mutuamente úteis: o convívio só lhes é agradável na medida em que

despertam uma na outra a esperança de algum bem futuro (Ibidem 1156a 25-30).

Ora, os amigos na utilidade estão fadados a dissolverem sua união quando desaparecem os motivos da amizade, porquanto segundo Aristóteles “o útil não é permanente, mas muda constantemente” (Ibidem, 1156a 20-25).

Além disso, devido ao caráter efêmero dessa espécie de amizade, não é possível considerá-la uma amizade verdadeira num sentido de estabilidade e durabilidade, porque ela somente é amizade enquanto os amigos estiverem proporcionando vantagens um ao outro. Com o fim das vantagens que lhes são próprias, ela cessa e, então, pode-se verificar o seu caráter falível e pouco verdadeiro:

Aqueles cujo amor consiste numa troca de utilidades e não de prazeres são, ao mesmo tempo, menos verdadeiramente amigos e menos constantes. Os que são amigos por causa da utilidade separam-se quando cessa a vantagem, porque não amavam um ao outro, mas apenas o proveito (Ibidem, 1157a 10-15).

É interessante notar, juntamente com Aristóteles, que esta espécie de amizade geralmente constitui associações entre pessoas materialmente e espiritualmente opostas, pois:

A amizade com vistas na utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, entre pobre e rico, entre ignorante e letrado; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca (Ibidem, 1159b 10-15).

Além disso, nesta espécie de amizade até os homens de mau-caráter podem ser amigos uns dos outros, pois o que lhes interessará sempre será a vantagem que podem obter uns dos outros.

Queixas e censuras, segundo Aristóteles, são comuns nesta espécie de amizade, pois cada um utiliza o outro em seu próprio benefício, querendo sempre o lucro numa transação qualquer. Pensam que quando não há lucro ou vantagem, irão sair prejudicados num acordo. Pensam, portanto, que não recebem o que necessitam e o que merecem.

Mediante as queixas e censuras desta espécie de amizade, convém também observar que Aristóteles estabelece duas formas de justiça para ela: a justiça não escrita ou moral e a justiça escrita ou legal. Portanto:

O tipo legal é aquele que assenta sobre termos definidos. Sua variedade puramente comercial baseia-se no pagamento imediato, enquanto a variedade mais liberal dá uma certa margem de tempo, mas estipula uma troca definida (Ibidem, 1162b 25-30). (...) O tipo moral não assenta em termos fixos. Faz uma dádiva, ou o que quer que seja, como se fosse a um amigo; mas espera receber outro tanto ou mais, como se não tivesse dado e sim emprestado (Ibidem, 1162b 30-35).

Como podemos observar, as queixas e censuras próprias desta espécie de amizade surgem, quando as dissoluções se processam fora do espírito de justiça em que havia sido contraída a amizade.

Enfim, Aristóteles está convencido de que “a amizade que se baseia na utilidade é própria das pessoas de espírito mercantil” (Ibidem, 1158a 20-25).

E, enquanto o bem útil for a única forma de intenção desta amizade, Aristóteles pensa inviável sua originalidade,

sua verdade, sua nobreza e sua contribuição para a vida virtuosa.

# 5

## Amizade baseada no prazer

Nesta espécie de amizade baseada no prazer recíproco, encontramos um significativo parentesco com a amizade baseada na utilidade, pois não é devido o seu caráter virtuoso que as pessoas espirituosas são amadas, mas por serem unicamente agradáveis e prazerosas umas às outras.

Quando finda o prazer, portanto, finda a amizade. No entanto, salienta Aristóteles, esta espécie de amizade mantém também uma diferença moral significativa em relação à amizade baseada na utilidade, que é a generosidade, pois:

Dessas duas espécies, a que tem em mira o prazer parece-se mais com a amizade [amizade afim na virtude], quando ambas as partes recebem as mesmas coisas uma da outra e deleitam-se uma com a outra ou com as mesmas coisas, como acontece nas amizades dos jovens; pois é em tais amizades que se observa com mais frequência a generosidade (Ibidem, 1158a 20-25).

Aristóteles enfatiza a presença dos jovens, nesta espécie de amizade. De fato, os jovens são guiados pelas emoções e buscam obter o que lhes é imediato e agradável em termos de prazeres. Porém, observa Aristóteles, com o

passar do tempo os seus prazeres mudam e tornam-se diferentes. Por isso, os jovens fazem e desfazem suas amizades rapidamente.

Os jovens são também bastante amorosos, diz ele, porque a amizade existente no amor é emocional e visa unicamente o prazer. E é por isso que tão logo se apaixonam, como também são capazes de esquecer sua paixão com extrema facilidade.

Como já foi observado na última seção, a respeito da espécie de amizade baseada na utilidade, Aristóteles está convencido do seu caráter moral inferior, porque degenera facilmente e, dessa maneira, torna-se inviável a sua nobreza e a sua contribuição para uma vida virtuosa. Semelhante pensamento, pois, é o que se refere à amizade baseada no prazer.

# 6

## Amizade baseada na virtude ou entre os homens bons

Nas seções anteriores, abordamos duas das três espécies de amizades admitidas por Aristóteles: a amizade baseada na utilidade e a amizade baseada no prazer. Iremos abordar agora uma outra espécie de amizade que, segundo Aristóteles, é a mais perfeita e superior espécie: a amizade baseada na virtude ou entre os homens bons, cujo objeto do amor é aquilo que é bom ou virtuoso.

De antemão, em relação às outras duas espécies de amizade, Aristóteles diz que se trata de uma amizade em que não surgem queixas, pois:

Nas amizades que se baseiam na virtude, por outro lado, não surgem queixas, mas o propósito do benfeitor é uma espécie de medida; pois no propósito reside o elemento essencial da virtude e do caráter (Ibidem, 1163a 20-25).

Nesta espécie de amizade, os amigos desejam igualmente bem um ao outro como homens bons, porquanto são bons em si mesmos. E, de acordo com a análise aristotélica, os amigos que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente

amigos, porque suas amizades se processam em virtude de sua própria natureza e não de modo acidental e efêmero.

Esta é uma amizade que perdura, visto que a bondade é algo perdurável. E, além de concentrar em si a bondade, ela também concentra a utilidade e o prazer numa dimensão muito mais dinâmica, pois:

E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis uns aos outros. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes (Ibidem, 1156b 10-20).

É, pois, uma amizade estável, permanente, porquanto um amigo encontra no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir, e de modo algum gostariam de romper com uma amizade assim. E é natural que esta espécie de amizade não seja muito freqüente, pois, segundo Aristóteles, tais homens são raros de se encontrar. Além disso, ela exige muito tempo e familiaridade.

Portanto, a amizade baseada na virtude é perfeita tanto no que se refere à sua duração como a outros respeito, pois cada amigo recebe de bom ou virtuoso o mesmo que dá ou algo muito semelhante. E, além disso, é também invulnerável à calúnia, pois:

Não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova; e é entre os bons que são encontradas a confiança, o sentimento expresso pelas palavras “ele nunca me faria uma deslealdade”, e todas as outras coisas que se requerem numa verdadeira amizade. Nas outras espécies de amizade, porém, nada impede que tais

males venham a manifestar-se (Ibidem, 1157a 20-25).

Aristóteles está convencido de que nas outras espécies de amizade os homens são amigos de modo accidental, enquanto nesta espécie de amizade o são de modo absoluto.

Na citação abaixo, teremos o privilégio de conhecer uma amostra do poder de síntese de Aristóteles, onde podemos até contemplar a substância desta espécie de amizade, relacionada às outras duas espécies, e que ilustra bem os conceitos de amor e de benevolência, sobretudo enquanto constitutivos da verdadeira amizade:

A verdadeira amizade é, pois, a dos bons, como tantas vezes dissemos. Efetivamente, o que é bom ou agradável no sentido absoluto do termo parece estimável e desejável, e a cada um se afigura ser o que é bom e agradável para ele; e por ambas essas razões o homem bom é estimável e desejável para o homem bom. Ora, dir-se-ia que o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha envolve disposição de caráter. E os homens desejam bem àqueles a quem amam por eles mesmos, não por efeito de um sentimento, mas de uma disposição de caráter. E finalmente, os que amam um amigo amam o que é bom para eles mesmos; porque o homem bom, ao tornar-se amigo, passa a ser um bem para o seu amigo. Cada qual, portanto, ao mesmo tempo que ama o que é bom para ele, retribui com benevolência e apazibilidade em igualdade de termos; porque se diz que a amizade é igualdade, e ambas são encontradas mais comumente na amizade dos bons (Ibidem, 1157b 25-40).

Aristóteles diz ainda que a igualdade e a semelhança são marcas características das três espécies de amizades, mas é especialmente a amizade baseada na virtude que concentra a superioridade de caráter e a unanimidade.

Vamos agora relacionar a nossa discussão sobre as espécies de amizade à idéia aristotélica do homem bom; no que ele consiste e que paradigma de homem e de amizade ele quer representar.

### **6.1 O Homem Bom**

Antes de expormos as considerações que faz Aristóteles a respeito do homem bom, devemos observar a interferência oportuna de Reale (1994, p.340) ao situar o conceito de egoísmo no contexto da amizade.

Reale traduz, e com veemência, a concepção aristotélica acerca do conceito de egoísmo. Aristóteles abordara o egoísmo, durante a análise que fizera da psicologia do homem bom, porquanto reconheceu que “a amizade não é um dom gratuito de si ao outro, mas antes uma relação para consigo mesmo” (REALE, 1994, p.340).

Contudo, segundo Reale, mesmo que Aristóteles tenha explicitado esta proposição ela ainda é geradora de uma compreensão dúbia e pejorativa. Portanto, há dois modos distintos de se compreender o conceito de egoísmo.

O primeiro modo é considerar o egoísmo humano numa acepção inferior e negativa. É, pois, um “modo inferior de amar a parte mais baixa de si e de querer para si o máximo possível de riquezas e de prazeres” (Idem, p.340).

O segundo modo é considerar o egoísmo numa acepção superior e positiva, sendo, portanto, o “modo superior de amar a parte mais elevada de si e os bens relativos a esta parte e querer o máximo possível de bens espirituais” (Idem, p.340).

Desta maneira, após as constatações oportunas de Reale, podemos novamente seguir Aristóteles com mais clareza e segurança. E então nas considerações aristotélicas acerca da psicologia do homem bom, constatadas as considerações do egoísmo em sua acepção positiva e superior, vemos:

O homem bom ama acima de tudo essa sua parte. Donde se segue que ele é no mais legítimo sentido da palavra um amigo de si mesmo, e de um tipo diferente daquele que é alvo de censura, tanto quanto o viver de acordo com um princípio racional difere do viver segundo os ditames da paixão, e desejar o que é nobre de desejar o que parece vantajoso (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1172a 10).

Assim, o homem bom é aquele que ama a sua estância superior, que é a parte superior de si, isto é, o seu intelecto. E, além disso, como conseqüência ele deseja obter muitos bens espirituais como, por exemplo, a virtude da amizade. Ora, um homem assim será capaz de amar no outro as qualidades superiores que ele mesmo possui e que ama por si mesmo.

O homem bom, pois, obedece ao intelecto e é amigo de si mesmo. É também desejável para si mesmo e deseja o convívio com outros homens, porque também desejável. E é um tipo de homem que pratica muitos atos nobres no interesse dos seus amigos, por exemplo, renunciando às riquezas materiais e as honras em interesse dos seus amigos. Numa palavra: o homem bom escolhe a nobreza espiritual acima de tudo e ocupa-se com o desenvolver de ações dignas e nobres para com os seus amigos.

Esta espécie de amizade baseada na virtude ou entre os homens bons é superior, porque é dotada de companheirismo e, também, é marcada por ações e reações virtuosas exercidas por um amigo sobre o outro, em que cada um recebe do outro o modelo das características

personais que aprova em si mesmo, porque elas são sempre virtuosas, legítimas, permanentes, confiáveis e nobres; donde se diz: “aprender ações nobres de homens nobres” (Idem, 1172a 15).

# 7

## Amizade e felicidade

O homem que está disposto a viver de acordo com a supremacia do seu intelecto sobre os seus prazeres e sobre as suas ações, de modo que estará agindo de comum acordo com a sua natureza, atinge um sentimento de plenitude que, segundo Aristóteles, é o maior bem humano: a felicidade.

Este sentimento é ulterior em relação ao sentimento de prazer, de poder, de honra e de sucesso. Ora, dizer-se-ia que o prazer e o poder, a honra e o sucesso, muitas vezes, consistem na felicidade ou é a felicidade. No entanto, segundo Aristóteles, somente o sentimento oriundo da vida de acordo com o intelecto é que pode ser denominado de felicidade.

A felicidade, pois, é a realização plena das virtudes intelectuais e morais do homem racional, social e político. E também consiste numa atividade de busca continuada de harmonia, equilíbrio e medida, pois “a felicidade é uma atividade; e a atividade, evidentemente, é algo que se faz e que não está presente desde o princípio, como uma coisa que nos pertencesse” (Ibidem, 1169b 25-30).

O homem feliz, portanto, é o homem virtuoso e bom, que está sempre satisfeito consigo mesmo e que busca um amigo, também virtuoso e bom, para o compartilhar da sua felicidade, pois:

Não menos estranho seria fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém

escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade (Ibidem 1169a 20-25).

Assim, no que concerne à felicidade, observamos que ela é o mais valioso bem do homem. E este bem é substancialmente espiritual, mas que evidentemente também supõe bens materiais. Os bens materiais são também elementos constitutivos da felicidade, pois ela supõe boa fortuna material, por exemplo: trabalho, dinheiro, moradia, alimentação, saúde, vestuário, lazer, dentre outros.

A verdadeira e duradoura amizade em Aristóteles, isto é, a amizade baseada na virtude ou entre os homens bons, é uma das virtudes éticas mais importantes para o homem da pólis grega, visto que é a coroação da sua vida virtuosa e boa, portanto da felicidade individual e coletiva.

# 8

## Número de amigos

Ter amigos é dar e receber aquilo que há de mais belo e nobre num homem: a sua excelência intelectual e moral. Mas, qual o número exato de amigos que o homem virtuoso e feliz necessita possuir? Segundo Aristóteles, vemos que:

Um homem não deve viver sem amigos nem ter um número excessivo deles? A máxima parece aplicável às amizades que fazemos com vistas na utilidade, porque retribuir os serviços de muita gente é coisa trabalhosa e uma vida humana não basta para tanto. Logo, o excesso de amigos sobre o número suficiente para a nossa existência é supérfluo e constitui um obstáculo à vida nobre; de forma que não necessitamos deles. Das amizades feitas com vistas no prazer também bastam umas poucas, assim como um pouco de tempero na comida é suficiente (Ibidem 1170b 25-30).

Como podemos observar, Aristóteles está convencido de que nas amizades baseadas na utilidade e no prazer o número de amigos é um fator pouco importante, chegando a admitir que necessitamos de poucos amigos assim. E prossegue:

Mas no que toca aos bons amigos, devemos tê-los tanto quanto possível, ou há um limite para o seu número como há para o tamanho de uma cidade?

Não se pode fazer uma cidade com dez homens, e se estes forem cem mil, nem por isso ela será uma cidade. Entretanto, o número apropriado não é provavelmente uma quantidade fixa, mas qualquer que se situe entre dois pontos fixos (Ibidem, 1170b 30).

Observamos a existência de um meio-termo quanto ao número de amigos com vistas na virtude, entretanto. Ou seja, nem poucos e nem muitos amigos. Todavia, analisando mais profundamente a observação de Aristóteles, parece-nos que não convêm a nós termos muitos amigos. Mas, por que o estagirita cogita isso? Ora, de fato se afigura impossível conviver intimamente com muitas pessoas, porque os amigos verdadeiros devem passar a vida juntos, ou muito próximos uns dos outros: “Acresce que essas pessoas também devem passar a vida juntas; e dificilmente tal condição será preenchida com um número elevado de indivíduos” (Ibidem, 1171a 5).

Além do mais, Aristóteles faz uma relação interessantíssima entre amor e amizade, situando-nos ainda mais no núcleo da questão:

Ser um grande amigo de muitas pessoas é coisa que se afigura impossível. Por essa mesma razão, não podemos amar várias pessoas ao mesmo tempo. O ideal do amor é ser como um excesso de amizade, e isso só se pode sentir por uma pessoa, donde se segue que também só podemos sentir uma grande amizade por poucas pessoas (Ibidem, 1171a 10-15).

E, magistralmente, Aristóteles manifesta o seu pensamento final, quanto ao número de amigos:

São muito raros os casos de um grande número de pessoas que sejam amigas umas das outras no sentido de amizade-camaradagem [amizade baseada

na virtude], e as amizades famosas dessa espécie são sempre entre duas pessoas. Os que têm muitos amigos e mantêm intimidade com eles passam por não ser amigos de ninguém, salvo dentro dos limites apropriados a concidadãos; e tais pessoas são também chamadas obsequiosas. Dentro dos limites apropriados a concidadãos, em verdade, é possível ser amigo de muitos sem contudo ser obsequioso, mas um homem genuinamente bom. Por outro lado, não se pode manter com muitas pessoas a espécie de amizade que se baseia na virtude e no caráter de nossos amigos, e devemos dar-nos por felizes se encontrarmos uns poucos dessa espécie (Ibidem, 1171a 15-20).

Com a profundidade existente na citação acima exposta, damos por encerrada esta seção. Na próxima seção, iremos nos dirigir às nossas conclusões.

# 9

## Conclusões

Nesta seção, vamos resgatar uma significativa parte do conteúdo que expusemos até o momento, procurando estabelecer um elo de diálogo entre os ensinamentos filosóficos de Aristóteles e a nossa concepção de amizade, no contexto atual do século XXI.

De fato, existimos numa época em que a humanidade demonstra cada vez mais uma inclinação irrefreável à competitividade gananciosa, ao dinheiro, à utilidade, aos prazeres imediatos, concebendo estes fenômenos como valores essenciais do cotidiano. E no tocante aos amigos, estes já parecem não importar tanto pelo seu caráter virtuoso, mas sim pelo prazer ou pela utilidade que proporcionam uns aos outros. Portanto, passa a ser relevante neste momento do nosso trabalho despertar crítico sobre a importância, o conteúdo e o sentido da amizade num contexto assim.

Observamos que hoje em dia nós consideramos as associações cotidianas de duas ou mais pessoas como representações de amizade. E, portanto, podemos nos questionar: tais associações consistem de fato em amizades?

Se considerarmos as nossas associações políticas nos meios de trabalho, nos meios acadêmicos e no seio familiar, por exemplo, podemos sim considerá-las amizades. Porque, de acordo com as espécies de amizade propostas por Aristóteles, o bom, o útil e o aprazível configuram sim as nossas associações políticas, que têm por finalidade aquilo

que nos é estimável (bom, útil e aprazível).

Mas a questão torna-se um problema sério quando, por exemplo, o útil e o aprazível passam a ser formas ilusórias e extrínsecas de amizade, isto é, quando pelo seu intermédio inicia-se a instrumentalização dos amigos. Ou seja, quando o útil e o aprazível tornam-se a única finalidade da associação, os amigos passam a ser instrumentos uns dos outros. Esta instrumentalização dos amigos é uma forma pejorativa que degenera os conceitos de útil e aprazível, de utilidade e de prazer.

Podemos agora, portanto, concordar com as reflexões pertinentes de Aristóteles, a respeito da posição inferior das amizades baseadas na utilidade e no prazer recíprocos, porque possuem um caráter degenerativo. Eis aí, portanto, a preocupação de Aristóteles (e a nossa também) com a configuração dos processos de instrumentalização das amizades e dos amigos.

Nestes processos de instrumentalização dos amigos, verificamos que os amigos acabam por amar sempre o outro pelo que ele tem ou é capaz de dar e fornecer. O outro passa a ser automaticamente um veículo de utilidade e de aprazibilidade. Não é valorado por aquilo que ele é em si mesmo. Não é valorado pelo seu caráter virtuoso. Não é valorado pela sua bondade. Tampouco é valorado pela sua capacidade de praticar ações nobres.

À luz das nossas leituras dos gregos, em especial de Sócrates, Platão e Aristóteles, sabemos ser notório que não estamos vivendo na pólis da Grécia Antiga, onde os ideais de valores daquele contexto são muito diferentes do que os nossos. E que o viver ético dos gregos é um viver simples e inteligente, dotado de poucas ações, mas ações que significam algo. Algo que dá um valor à existência do homem, muito diferente do que o nosso século pode compreender com todo o seu aparato científico e tecnológico.

No entanto, algumas cabeças humanas

desvencilham-se do tempo-espaço atual, para tentar compreender o que é, por exemplo, essa instrumentalização que já Aristóteles enunciava há mais de dois mil e quinhentos anos.

Na verdade, estamos acostumados aos tratamentos frios e mecânicos das cidades contemporâneas, onde, na maioria das vezes, somos unicamente respeitados e agraciados por aquilo que possuímos materialmente de útil e aprazível: uma roupa da moda, um carro de marca, uma boa e espaçosa casa na praia, um diploma universitário, um microcomputador de última geração, um trabalho profissional de nível e de status, uma pomposa conta-corrente em Banco, cartões de crédito, cartões de loja, assaz dinheiro no bolso, dentre outros.

Tudo isso supõe prazer, poder, honra e sucesso, àqueles que se nos apresentam como nossos amigos. Mas não contemplamos nada de virtuoso ao sermos valorados unicamente desta maneira. Queremos ser valorados também por isso, é claro, mas o primeiro e verdadeiro valor que um amigo pode pretender em nós é a nossa vida virtuosa, boa e feliz: o nosso agir moral de acordo com o intelecto. O que é evidentemente nobre, para poucos homens hoje em dia. É incompreensível para muitos.

Não podemos nos esquecer também daqueles amigos que se aproximam de nós, para buscar auxílio para os seus infortúnios. Quando estes encontram o que buscavam, isto é, quando encontram as soluções para os seus males a partir de um amigo espirituoso, retiram-se da nossa companhia e vão embora com a certeza de que encontraram o que queriam, dando-nos exímios sinais de que a sua amizade resumia-se unicamente à intenção de um quinhão de vantagens e de prazeres, que serviram exatamente para a condução de suas vidas pouco espirituosas e ínfimas.

E é por isso que nós concordamos com Aristóteles, num ponto muito significativo: as espécies de amizade

baseadas na utilidade e no prazer sempre irão manter uma posição inferior à amizade baseada na virtude ou entre os homens bons. Porque elas degeneram facilmente em interesses particulares e fúteis. Além disso, nós queremos ir um pouco mais além do mestre Aristóteles e dizer: os espíritos que visam unicamente a utilidade e o prazer não são sequer úteis e nem prazerosos a si mesmos.

Para nós, filósofos e homens comuns que buscamos a virtude, que buscamos uma vida virtuosa nos desígnios da felicidade dos gregos - εὐδαιμονία -, o que interessa-nos em termos de amizade é, pois, uma amizade também grega - φιλία -, baseada na virtude ou entre os homens bons. Porque tal amizade não degenera jamais em interesses pessoais unicamente, e nem é passível de corrupção e de calúnias. Nós, portanto, buscamos uma amizade pura e sincera, baseada na virtude ou entre os bons, que possa servir de paradigma para as outras duas espécies, pois:

Com efeito, os homens aplicam o nome de amigos mesmo àqueles cujo motivo é a utilidade, e nesse sentido se diz que as disposições são amigáveis (pois as alianças de disposições parecem visar à vantagem), e também aos que se amam com vistas no prazer – e é neste sentido que se diz serem amigas as crianças. Portanto, nós também deveríamos talvez chamar amigas a tais pessoas e dizer que existem diversas espécies de amizade – primeiro, e no sentido próprio, a dos homens bons enquanto bons, e por analogia as outras espécies; pois é em virtude de algo bom e algo semelhante ao que é encontrado na verdadeira amizade, que eles são amigos, já que até o agradável é bom para os que amam o prazer (Idem, 1157a 30-35).

Assim, se tomarmos como referência os paradigmas de amizade baseada na virtude, podemos subverter os paradigmas de amizade hoje vigentes. Pois uma amizade

baseada na virtude, em que se ama o outro pelo que ele é, como homem virtuoso, é o paradigma que irá determinar o útil e o aprazível nas nossas associações políticas.

Consequentemente, o novo paradigma para os amigos é o homem virtuoso e bom por si mesmo, feliz consigo mesmo, que vê na utilidade e no prazer uma instância necessária, mas não unicamente condizente com os ideais de uma verdadeira amizade. É o homem que pensa e que age de acordo com os ditames do seu intelecto. Um amigo assim é o que queremos. Por ser este homem capaz de distribuir o melhor de si mesmo a todo aquele que for capaz de receber e de distribuir o melhor de si também.

Para finalizar esta seção, e em consequência disso o nosso estudo, pensamos ser lícito tornar presente algumas considerações importantes para a nossa reflexão. Perguntemo-nos, pois: que amizades nós temos? Que amizades nós queremos? O que podemos fazer para atingirmos as amizades que nós queremos?

Temos, pois, amizades em que o seu núcleo substancial é sempre a satisfação de ver num amigo um outro eu virtuoso, um homem bom e feliz que está sempre satisfeito consigo, e que busca um homem<sup>7</sup> igual ou semelhante para compartilhar de sua felicidade e desfrutar dos mais belos e virtuosos dias?

---

<sup>7</sup> O termo *homem* na sua acepção universal. É lícito, pois, neste caso, admitirmos também o termo *mulher*.

# Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- GIORDANI, Mário Curtis. **Antigüidade Clássica I: História da Grécia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GOMPERS, ZELLER. **Aristóteles: Vida e Doutrinas**. São Paulo: Cultura Moderna, 1910.
- LLOYD-JONES, Hugh (org.). **O Mundo Grego**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- OS PENSADORES. **Aristóteles: Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- OS PENSADORES. **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga II: Platão e Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 1994.
- GRÉCIA. **Portal virtual de pesquisa cultural**. Disponível em:

<http://www.warj.med.br/filosofia/Aristoteles.htm>.  
Acesso em: 01 out. 2003.

MUNDO DOS FILOSÓFOS. **Portal virtual de pesquisa filosófica.** Disponível em:  
<http://www.mundodosfilosofos.com.br/Aristoteles.htm>. Acesso em: 25 abr. 2003.